

ANÁLISE COMPARATIVA DA AGROPECUÁRIA GAÚCHA ENTRE 1985 E 1995/96

*Valter José Stulp¹
Luiz Alberto Binz²*

Resumo

O artigo compara características da agropecuária do Rio Grande do Sul entre dois momentos no tempo para inferir sobre a sua evolução e capacidade de atender algumas das suas funções para o desenvolvimento econômico. Na década analisada a agropecuária gaúcha se defrontou com uma evolução desfavorável na relação entre os preços recebidos e pagos e no volume de crédito disponível. Principalmente, o primeiro destes dois fatores parece ser o maior responsável pela redução da renda gerada pelo setor, pela diminuição do emprego da mão de obra, pela queda no volume de investimentos e a redução da produção de alguns produtos, tanto de consumo interno como de exportação.

Palavras-chave: Agricultura gaúcha, desenvolvimento agrícola, renda agrícola.

Abstract

The article compares characteristics of the agriculture of the state of Rio Grande do Sul between the years of 1985 and 1995/96 in order to infer upon its evolution and capacity to fulfill some of its functions for the economic development. During the decade, under analysis, the agricultural sector faced a great decline in the real prices for its products and in the amount of credit available. Mainly, the decline in the prices was responsible

¹ Professor do Departamento de Economia da PUCRS.

² Aluno de Ciências Econômicas e bolsista do NEP - PUCRS. Av. Ipiranga, 6681 Prédio 50. Porto Alegre RS CEP 90619-900

for the reduction in the sector's income, level of employment, of investments and the decrease in the production of some exportable and for internal consumption products.

Keywords: Agriculture of Rio Grande do Sul, agricultural development, rural income.

1 INTRODUÇÃO

A agricultura foi considerada ao longo de muitos anos um setor em constante declínio e de importância secundária na economia, não necessitando de políticas especiais para o seu desenvolvimento.

Até meados do século XX ainda predominava a visão neoclássica de que a agricultura era um setor em declínio, cujas funções eram fornecer mão de obra, alimentos e talvez capital para a modernização da indústria. Não haveria necessidade de políticas visando modernizar o setor agrícola que declinava naturalmente.

Segundo Albuquerque & Nicol (1987) o modelo de Lewis em que a agricultura era o setor de oferta ilimitada de mão de obra para a indústria se enquadrava nesta visão.

A visão de Prebisch sobre a tendência secular de declínio dos preços relativos da agricultura em relação aos preços industriais e a importância que Hirschman dava ao encadeamento resultante da atividade industrial contribuíram para justificar o pouco investimento para a modernização da agricultura (TIMMER, 1992).

A visão sobre o papel e a importância do setor agrícola para o desenvolvimento da economia começou a mudar com o artigo de Johnston e Mellor (1961).

Johnston e Mellor (1961) citaram cinco funções para o setor agrícola no desenvolvimento econômico: 1) liberar mão de obra para o setor industrial; 2) aumentar a oferta de alimentos para consumo doméstico; 3) ampliar o mercado para os produtos da indústria; 4) ampliar a oferta da poupança; 5) gerar divisas externas, via exportações.

Embora a liberação da mão de obra, fornecimento de alimentos e de capital já constassem da visão antiga sobre o papel da agricultura, estes autores enfatizaram a necessidade do crescimento da renda do setor agrícola para o mesmo se constituir em um mercado para os produtos industriais e via capitalização poder gerar uma oferta crescente de alimentos. Assim, ao mesmo tempo em que a renda de outros setores cresce, a da agricultura também deveria aumentar.

Segundo Reynolds (apud TIMMER, 1992, p.29) haveria uma visão estática e uma visão dinâmica sobre a transferência de recursos do setor agrícola para os demais setores. A visão estática consideraria a possibilidade da extração de excedentes de mão de obra, alimentos e poupança do setor agrícola, mesmo quando este não estaria se desenvolvendo, requerendo para isto apenas medidas políticas adequadas.

A visão dinâmica requereria o desenvolvimento do setor agrícola, através de investimentos e progresso tecnológico, para possibilitar a transferência para os outros setores dos excedentes do produto e da renda agrícola gerados.

Os resultados das duas políticas (estática e dinâmica) seriam bem diferentes. A estática aumentaria a pobreza do setor rural. A dinâmica geraria riqueza. Ambos os setores, o agrícola e o não agrícola, devem crescer juntos. A ênfase deve ser dada em achar as medidas políticas que conduzam a este crescimento mútuo. (TIMMER, 1992).

Em um trabalho mais recente Timmer (1992) afirma que a agricultura exerce outras funções, além das mencionadas por Johnston e Mellor (1961). Entre elas: 1) a agricultura pode influir nas decisões de investimento dos demais setores e contribuir para melhorar as condições de vida dos pobres através da estabilização dos preços dos alimentos que ela pode proporcionar; 2) o crescimento agrícola pode influir na produtividade do capital e da mão de obra dos demais setores da economia; 3) o governo aprenderia a tomar decisões de política econômica e social através da agricultura; 4) a agricultura contribui para a conservação do meio ambiente. Ela é o mais importante mecanismo através do qual a humanidade capta a energia renovável que é a energia solar.

Este artigo analisa algumas características da agricultura gaúcha, estabelecendo comparações entre os anos de 1985 e 1995/96. Avalia-se o comportamento deste setor, nestes dois períodos, observando as mudanças ocorridas nos diferentes estratos de área dos estabelecimentos agropecuários do Rio Grande do Sul. Verifica-se como o setor, através dos diversos tamanhos de estabelecimentos, cumpre algumas das atribuições que os vários autores mencionam como sendo inerentes ao mesmo.

A base principal de dados são os censos agropecuários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes aos anos de 1985 e 1995/96 (especificamente de 01/08/95 a 31/07/96). Os diversos valores monetários foram atualizados para 01 de maio de 2001 usando o IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas.

2 RESULTADOS

A análise comparativa, entre os anos de 1985 e 1995/96, do setor agropecuário gaúcho começa pelos preços agrícolas e os volumes obtidos de financiamento.

2.1 Preços do setor agrícola e volume dos financiamentos

A comparação dos preços médios recebidos pelo produtor agropecuário do Rio Grande do Sul no triênio 1994-96 é feita em relação a dois períodos básicos: o triênio 1983-85 e o biênio 1986-87 (Tabela 1). Considera-se como base também este biênio para estabelecer a comparação com a evolução dos preços pagos pelos insumos, uma vez que os preços destes estavam disponíveis apenas a partir de 1986.

Verifica-se que houve uma grande redução nos preços recebidos (em termos de valores reais de 01/05/2001) pelo produtor agropecuário do Rio Grande do Sul, tanto no período de 1983-85 a 1994-96, como no período de 1986-87 a 1994-96. No geral as reduções se situam entre 50% e 65%. A maior redução de preço foi a do trigo, ou seja, em 1994-96 o produtor recebeu, pelo cereal, apenas 28% do preço de 1983-85.

A menor redução de preço é a da uva para vinho. Acredita-se que este fato se deva a mudança na qualidade do produto. A uva do período 1983-85 seria a uva das variedades comuns (mais barata) e a do período 1994-96 seria predominantemente a das variedades européias.

Observa-se que no geral a redução, durante o período de 1986-87 a 1994-96, dos preços reais pagos parece ter sido menos acentuada que a dos preços recebidos. Isto mostra que a situação do produtor agropecuário gaúcho teria piorado, neste período, em termos da relação entre preços pagos e recebidos.

A Tabela 2 compara os preços pagos no triênio de 1994-96 com os do biênio 1986-87. Os fornecedores de semente de milho híbrido, trator e automotriz conseguiram aumentar ou impedir a queda acentuada no preço do insumo que vendem ao setor agrícola.

Tabela 1 - Relação entre os preços reais (01/05/2001) recebidos pelo produtor agropecuário do Rio Grande do Sul no triênio 1994-96 e os preços do triênio 1983-85 e do biênio 1986-87 (%)

Produtos	Base triênio 1983-85	Base biênio 1986-87
Arroz em casca	45	56
Batata inglesa	37	37
Cebola (bulbo)	30	43
Feijão.	54	61
Milho	38	49
Soja	39	54
Trigo	28	31
Uva para vinho	93	61
Boi para abate	53	48
Galinha para abate	37	41
Frango para abate	37	41
Ovos de granja	49	55
Suíno tipo carne	40	44
Leite	-	51

Fonte: Dados da EMATER-RS e cálculos dos autores.

Tabela 2 - Relação entre os preços reais (01/05/2001) pagos pelo produtor agropecuário do Rio Grande do Sul no triênio 1994-96 e os preços do biênio 1986-87 (%).

Insumos	Base biênio 1986-87
Semente de arroz irrigado	50
Semente de batata certificada	59
Semente de feijão preto	81
Semente de milho híbrido	116
Semente de soja	48
Semente de trigo	43
Cloreto de potássio	54
Superfosfato simples	45
Superfosfato triplo	44
Uréia	60
Ração para aves	53
Ração inicial para suínos	56
Ração de crescimento para suínos	53
Ração de terminação para suínos	54
Automotriz	81
Trator 70/89 HP	90

Fonte: Dados da EMATER-RS e cálculos dos autores.

A Tabela 3 abaixo mostra o volume dos financiamentos obtidos pelos produtores agropecuários do Rio Grande do Sul no ano de 1985 e no período de 01/08/1995 a 31/07/1996.

Tabela 3 - Valor dos financiamentos obtidos pelos produtores agropecuários do Rio Grande do Sul (em milhões de reais de maio de 2001) nos anos de 1985 e 1995/96, por estrato de área dos estabelecimentos (em hectares).

Tamanho	Finalidade do financiamento							
	Investimento		Custeio		Comercialização		Total	
	1985	1995/96	1985	1995/96	1985	1995/96	1985	1995/96
Total	78	127	1444	602	12	22	1534	751
Menos de 10	5	15	40	21	0	1	45	37
De 10 a 20	8	27	84	42	2	2	94	71
De 20 a 50	14	28	185	81	0	2	199	111
De 50 a 100	10	11	234	61	1	1	245	73
De 100 a 200	7	6	190	74	1	1	198	81
De 200 a 500	10	19	287	121	2	3	299	143
De 500 a 1000	9	9	195	91	4	2	208	102
Mais de 1000	15	12	229	111	2	10	246	133

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96.

Observa-se que houve uma redução muito acentuada no valor dos financiamentos obtidos pelos produtores agropecuários gaúchos no período analisado. O valor total, em termos reais, foi reduzido a 50%.

A grande redução ocorreu no crédito para custeio, enquanto o crédito para investimento e comercialização aumentou. O crédito para custeio foi reduzido em todos os estratos de área.

Dada a situação desfavorável na relação de preços e a redução na disponibilidade de crédito para o setor agropecuário, a pergunta que se impõe é: como o produtor agrícola, dos diversos estratos de área, se comportou, neste período, em termos do emprego da mão de obra, da utilização da força mecânica, das decisões de investimento e do direcionamento da produção?

O artigo procura endereçar esta questão começando a examinar a evolução no emprego da mão de obra e mecanização.

2.2 Variação no emprego da mão de obra e mecanização

A Tabela 4 mostra que houve redução no número de pessoas ocupadas na agropecuária gaúcha, no período de 1985 a 1995/96, em todos os tamanhos de estabelecimentos.

A redução na mão de obra empregada na agricultura é um processo que se observou também nos países desenvolvidos. Seria um processo de transferência deste fator para os outros setores da economia que não causaria grandes preocupações se houvesse oportunidades de emprego nos setores secundário e terciário. Infelizmente não é isto que se verifica em nosso meio. Esta mão de obra, ao se deslocar para os centros urbanos, fica marginalizada, agravando os problemas econômicos e sociais das cidades.

Tabela 4 - Pessoal ocupado (milhares de pessoas) nos estabelecimentos agropecuários do Rio Grande do Sul em 1985 e 1995/96, por estrato de área dos estabelecimentos (em hectares).

Tamanho	Número de pessoas (mil)		Redução no número de pessoas ocupadas (%)
	1985	1995/96	
Total	1748	1377	21
Menos de 10	511	412	19
De 10 a 20	462	367	21
De 20 a 50	430	333	23
De 50 a 100	122	93	24
De 100 a 200	65	53	18
De 200 a 500	64	52	19
De 500 a 1000	39	30	23
Mais de 1000	54	36	33
Sem declaração	1	1	-

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96.

Quanto ao emprego da força mecânica, a Tabela 5 mostra que ele aumentou, no período considerado, em quase todos os tamanhos de estabelecimentos. O acréscimo na mecanização por unidade de área foi mais acentuado nos estabelecimentos menores de 100 hectares.

Nos pequenos estabelecimentos a taxa de substituição da mão de obra pelo trator foi maior do que nos estabelecimentos maiores. Isto revela que havia mão de obra ociosa nos estabelecimentos menores que poderia sair, sem necessidade de grande aumento da mecanização.

Tabela 5 - Quantidade total de cavalos vapor (mil CV) em tratores dos estabelecimentos agropecuários do Rio Grande do Sul, número de cavalos vapor por hectare de lavoura e taxa de substituição da mão de obra por força mecânica. Valores por estrato de área. Anos 1985 e 1995/96.

Tamanho	Quantidade (mil CV)		CV/há de lavoura.		Acréscimo em CV/Ha	Substituição de pessoas por CV
	1985	1995/96	1985	1995/96		
Total	9232	10746	1,40	1,91	0,51	0,25
Menos de 10	371	621	0,67	1,49	0,82	0,40
De 10 a 20	971	1370	0,97	1,73	0,76	0,24
De 20 a 50	2423	2787	1,63	2,39	0,76	0,27
De 50 a 100	1365	1687	1,84	2,84	1,00	0,09
De 100 a 200	1099	1070	1,69	2,04	0,35	-0,41
De 200 a 500	1321	1380	1,49	1,71	0,22	0,20
De 500 a 1000	793	855	1,32	1,47	0,15	0,15
Mais de 1000	889	976	1,31	1,29	-0,02	0,21

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96.

Foram também os estabelecimentos menores os que mais aumentaram o número de cavalos vapor por hectare de área do estabelecimento. Parece ter havido nestes estabelecimentos uma mudança no sistema de cultivo manual (exigente em maior esforço humano) para o mecanizado.

Nos estabelecimentos de 50 a 100 hectares houve a necessidade de incorporar a maior quantidade de força motriz por cada pessoa que fosse excluída do estabelecimento. Isto quer dizer que poucas pessoas eram expulsas do estabelecimento por cada cavalo vapor de força motriz incorporado, podendo significar que a mão de obra era um fator relativamente mais escasso do que nos estabelecimentos menores.

Os estabelecimentos de 100 a 200 hectares reduziram o emprego tanto da mão de obra como da força motriz.

2.3 Investimentos realizados pelos estabelecimentos agropecuários gaúchos

A Tabela 6 mostra que o total dos investimentos realizados pelos estabelecimentos em 1995/96 foi aproximadamente igual à metade do valor de 1985. Isto ocorre, apesar do valor dos financiamentos para investimentos ter sido maior em 1995/96 do que em 1985, porque o financiamento participa com pequena parcela no valor total do investimento, ou seja, com apenas 3,1% em 1985 e 9,5% em 1995/96.

Em 1985 os investimentos eram direcionados principalmente para veículos, máquinas, equipamentos, prédios, instalações e terras. Em 1995/96 a aquisição destes itens foi relativamente menos importante. Neste ano a compra de animais foi mais importante.

Nos estabelecimentos de até 20 hectares prédios e instalações eram os itens mais importantes de investimento tanto em 1985 como em 1995/96. Isto, talvez, indique um direcionamento das atividades de exploração para a criação de animais (aves e suínos).

Tabela 6 - Valor dos investimentos realizados na agropecuária do Rio Grande do Sul (em milhões de reais de maio de 2001) nos anos de 1985 e 1995/96, por estrato de área dos estabelecimentos (em hectares).

Item de investimento	Ano	Estrato de área do estabelecimento								
		Total	Menos de 10	10 a 20	20 a 50	50 a 100	100 a 200	200 a 500	500 a 1000	Mais de 1000
Terras	1985	545	25	47	90	65	53	75	91	99
	95/96	271	16	26	46	32	27	45	30	49
Prédios e instalações	1985	627	64	83	105	52	44	72	78	129
	95/96	363	57	74	83	35	23	40	23	28
Culturas permanentes e matas	1985	97	7	10	14	6	5	6	16	33
	95/96	36	4	6	8	3	2	5	3	5
Compra de animais	1985	459	27	30	42	33	45	86	74	122
	95/96	377	39	45	56	30	34	57	48	68
Veículos, máquinas, etc.	1985	780	26	55	142	106	102	138	95	116
	95/96	293	27	42	76	38	25	39	19	27
Total	1985	2508	149	225	393	262	249	377	354	499
	95/96	1340	143	193	269	138	111	186	123	177

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96.

Nos estabelecimentos de mais de 20 hectares os itens de investimento mais importantes em 1985 eram as aquisições de terras, prédios e instalações, aquisições de veículos e máquinas e compras de animais. Mas em 1995/96 estes estabelecimentos reduziram os investimentos em todos estes itens, como que esperando que a situação desfavorável dos preços agrícolas se revertesse.

2.4 A produção agropecuária

Examina-se, neste item, o direcionamento que a produção agropecuária tomou entre 1985 e 1995/96. Começa-se pelo exame dos valores totais da produção e das despesas.

2.4.1 Valor da produção e despesas

A Tabela 7 mostra que o valor da produção agropecuária gaúcha decresceu, em termos reais, de 1985 a 1995/96 no total e em todos os estratos de área, com exceção do estrato de até 10 hectares. A redução é devida principalmente à produção vegetal. Houve redução também no valor da produção dos animais de médio porte (suínos). Nos estratos maiores houve queda no valor da produção dos animais de grande porte. O valor da produção destes animais apenas aumentou nos estabelecimentos menores, devido ao leite.

Em todos os estratos de área houve aumento no valor da produção de aves.

Tabela 7 - Valor da produção agropecuária do Rio Grande do Sul (em milhões de reais de maio de 2001) nos anos de 1985 e 1995/96, por estrato de área dos estabelecimentos (em hectares)

Tamanho	Total		Produção vegetal		Produção animal							
					Total		De grande porte		Médio porte		Aves e pequenos animais	
	1985	95/96	1985	95/96	1985	95/96	1985	95/96	1985	95/96	1985	95/96
Total	11155	9312	7651	5817	3504	3495	1949	1668	856	566	699	1261
Até 10	1278	1301	760	669	518	632	161	162	130	111	227	359
10 a 20	1707	1603	1106	916	601	687	220	239	201	131	180	317
20 a 50	2251	1965	1561	1132	690	833	285	305	237	171	168	357
50 a 100	1042	813	778	506	264	307	144	139	72	54	48	114
100 a 200	916	671	702	465	214	206	140	119	38	24	36	63
200 a 500	1352	1005	1007	745	345	260	264	201	48	25	33	34
500 a 1000	1029	784	734	574	295	210	252	187	40	15	3	8
Mais de 1000	1580	1170	1003	810	577	360	483	316	90	35	4	9

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96.

A Tabela 8 informa a evolução das despesas dos estabelecimentos agropecuários entre 1985 e 1995/96. O valor real total das despesas decresceu no período. Este decréscimo é devido à redução ocorrida nos estabelecimentos maiores de 50 hectares. Os estabelecimentos de até 50 hectares tiveram um aumento nas suas despesas.

Os itens de despesa que tiveram os maiores aumentos nos estabelecimentos menores são as despesas com animais. Isto indica que estes estabelecimentos menores direcionaram as suas atividades para a criação animal, principalmente avicultura.

Todos os tamanhos de estabelecimentos reduziram muito os pagamentos de juros e despesas bancárias.

De modo geral, em todos os estratos de área as despesas com salários se mantiveram nos mesmos níveis, o que indicaria que a quantidade de mão de obra contratada teria permanecido igual ou até aumentado, no caso da queda do salário real. Apenas nos estratos de 10 a 20 hectares e no de 500 a 1000 hectares houve redução maior no valor dos salários.

Tabela 8 - Despesas da agropecuária do Rio Grande do Sul (em milhões de reais de maio de 2001) nos anos de 1985 e 1995/96, por estrato de área dos estabelecimentos (em hectares).

Despesas	Ano	Estrato de área do estabelecimento								
		Total	Menos de 10	10 a 20	20 a 50	50 a 100	100 a 200	200 a 500	500 a 1000	Mais de 1000
Salários	1985	512	23	52	42	38	51	96	90	120
	1996	481	32	30	48	38	49	90	70	124
Cota-parte e arrendamento da terra.	1985	497	44	41	60	51	69	98	67	67
	1996	414	43	35	51	37	49	86	54	59
Adubos, sementes e defensivos.	1985	1381	61	120	225	155	169	248	186	217
	1996	1145	94	141	213	115	109	178	131	164
Despesas com animais.	1985	897	191	195	208	77	55	68	38	65
	1996	1425	346	334	406	119	68	65	34	53
Aluguel de máquinas.	1985	97	13	26	35	10	4	4	2	3
	1996	50	7	13	17	5	2	3	1	2
Serviços de empreitada	1985	84	2	4	6	5	7	14	15	31
	1996	81	5	8	12	7	5	12	9	23
Juros e despesas bancárias	1985	908	23	51	117	102	118	183	127	187
	1996	168	4	9	17	14	19	30	24	51
Outras despesas	1985	1142	71	105	185	115	126	174	130	236
	1996	1004	101	113	163	87	82	140	109	209
Total	1985	5518	428	594	878	553	599	885	655	926
	1996	4768	632	683	927	422	383	604	432	685

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96.

A Tabela 9 estabelece a comparação entre as variações nos valores da produção e nos valores das despesas agropecuárias externas aos diversos tamanhos de estabelecimentos. Foi visto acima que o valor da produção agropecuária decresceu em todos os estratos de área, excluído o de até 10 hectares, de 1985 a 1995/96. Porém, esta situação não reduziria os níveis de renda do setor agrícola se no mesmo período as despesas externas tivessem sido reduzidas tanto ou mais que o valor da produção.

Designa-se por despesas externas aquelas em que o fluxo do dinheiro se destina aos outros setores da economia que não ao setor primário. Consideram-se despesas externas as referentes a itens como adubos, corretivos, defensivos, medicamentos, rações industriais, sal, transportes, juros e despesas bancárias, impostos, taxas, combustível, energia, etc.

Não são despesas externas ao setor os arrendamentos de terra, cotas-parte de parcerias, salários pagos aos trabalhadores rurais, sementes e mudas, ovos e pintos, aluguel de máquinas, serviços de empreitada, etc.

Tabela 9 - Comparação entre o valor da produção agropecuária e as despesas externas do setor agropecuário do Rio Grande do Sul nos anos de 1985 e 1995/96 (milhões de reais de maio de 2001). Valor líquido por pessoa ocupada (mil reais por pessoa).

Tamanho	Valor da produção		Despesas externas		Valor líquido (VL)		Acréscimo no VL	VL / pessoa	
	1985	95/96	1985	95/96	1985	95/96		1985	95/96
Total	11155	9312	3918	3258	7237	6054	-1183	4,14	4,40
Até 10	1278	1301	297	430	981	871	-110	1,92	2,11
10 a 20	1707	1603	425	512	1282	1091	-191	2,77	2,97
20 a 50	2251	1965	665	692	1586	1273	-313	3,69	3,82
50 a 100	1042	813	406	298	636	515	-121	5,21	5,54
100 a 200	916	671	424	247	492	424	-68	7,57	8,00
200 a 500	1352	1005	609	370	743	635	-108	11,61	12,21
500 a 1000	1029	784	439	269	590	515	-75	15,13	17,17
Mais de 1000	1580	1170	653	440	927	730	-197	17,17	20,28

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96

Na Tabela 9 observa-se que, em termos reais, o valor da produção menos as despesas externas do setor agropecuário gaúcho, designado de valor líquido, teve uma redução de R\$ 1.183 milhões (reais de maio de 2001). Isto representa uma queda de 16%. Pode-se considerar este dado como uma aproximação da queda na renda do setor. Aproximadamente 26%, desta redução, ocorreu nos estabelecimentos de 20 a 50 hectares. Foram estes, juntamente com os estabelecimentos de 10 a 20 e os de mais de 1000 hectares que tiveram as maiores reduções no valor líquido.

O valor líquido por pessoa ocupada na agropecuária cresceu no período em todos os estratos de área. Este aumento foi maior nos estratos maiores. O acréscimo no valor líquido da produção por pessoa ocupada não ocorreu porque aumentou o numerador, mas sim, porque diminuiu o denominador do quociente, ou seja, o número de pessoas ocupadas nos estabelecimentos agropecuários. Estas produziram mais, em termos médios, por pessoa ocupada. Portanto houve aumento na produtividade da mão de obra que permaneceu no setor agropecuário gaúcho no período de 1985 a 1995/96. Este aumento da produtividade pode ser possível, em parte, pela maior mecanização do setor.

Em termos de produtos agropecuários, qual foi o caminho seguido pelos diferentes estratos de estabelecimentos, que os levassem aos resultados diversos frente à crise no setor? É o que se procura ver a seguir.

2.4.2 Produção vegetal

A Tabela 10 mostra a produção dos principais produtos de lavoura do Rio Grande do Sul nos anos de 1985 e 1995/96. Aumentou a produção de arroz, fumo e milho. A produção de arroz cresceu principalmente nos estabelecimentos de mais de 200 hectares. O fumo teve a sua produção ampliada nos estabelecimentos de até 20 hectares, onde ele

se constitui, em algumas regiões, como principal fonte de renda. O milho teve a sua produção reduzida nos estratos de área menores de 20 hectares, mas muito ampliada nos grandes estabelecimentos. Houve queda nas produções de feijão, mandioca, soja, trigo e uva para vinho. A produção total dos grãos (arroz, feijão, milho, soja e trigo) em 1995/96 foi inferior a de 1985 em 378 mil toneladas, devido às grandes reduções da soja e trigo.

Tabela 10 - Quantidade colhida (mil toneladas) na lavoura do Rio Grande do Sul nos anos de 1985 e 1995/96, por estrato de área dos estabelecimentos (hectares).

Tamanho	Arroz		Feijão		Fumo		Mandioca		Milho		Soja		Trigo		Uva p/vinho	
	85	96	85	96	85	96	85	96	85	96	85	96	85	96	85	96
Total	3537	4645	119	79	165	196	1227	823	2428	2886	5710	4253	905	458	550	350
Até 10	29	25	34	16	49	68	319	218	399	310	325	154	28	13	84	66
10 a 20	63	66	33	24	54	64	403	297	702	608	751	425	98	44	183	123
20 a 50	194	198	35	25	52	54	345	219	801	806	1300	842	223	95	240	130
50 a 100	293	296	9	7	9	8	86	46	225	303	756	569	137	62	36	19
100 a 200	482	511	3	2	1	1	35	18	96	190	668	511	106	55	5	4
200 a 500	758	1065	2	2	0	1	23	14	88	285	903	751	148	81	1	0
500 a 1000	603	869	1	1	0	0	10	6	58	176	552	529	89	53	0	1
Mais de 1000	1115	1615	2	2	0	0	6	5	59	208	455	472	76	55	1	7

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96.

A Tabela 11 mostra que todos os produtos da lavoura do Rio Grande do Sul, mencionados acima, tiveram queda no valor de sua produção de 1985 a 1995/96, sendo exceção apenas o fumo. A maior redução ocorreu no valor da soja, seguida pelo trigo.

Tabela 11 - Variações nos valores da produção de arroz, feijão, fumo, mandioca, milho, soja, trigo e uva para vinho no Rio Grande do Sul, entre 1985 e 1995/96, em milhões de reais de maio de 2001.

Tamanho	Produtos								
	Total	Arroz	Feijão	Fumo	Mandioca	Milho	Soja	Trigo	Uva p/vinho
Total	-1943	-355	-61	281	-61	-40	-938	-762	-7
Até 10	-76	-4	-39	107	-11	-34	-74	-23	2
10 a 20	-229	-10	-9	90	-13	-52	-153	-81	-1
20 a 50	-469	-29	-9	73	-23	-42	-241	-190	-8
50 a 100	-283	-48	-2	9	-7	1	-116	-118	-2
100 a 200	-261	-81	-1	2	-3	13	-102	-89	0
200 a 500	-275	-54	-1	0	-2	32	-127	-123	0
500 a 1000	-171	-40	0	0	-2	18	-69	-78	0
Mais de 1000	-179	-89	0	0	0	24	-56	-60	2

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96.

Os estabelecimentos maiores aumentaram o valor da produção do milho. Estes estabelecimentos, muito provavelmente, redirecionaram parte da infra-estrutura de produção (máquinas, equipamentos, instalações, terra, etc) da produção de soja e trigo para a de milho. Este produto tinha um mercado certo como um dos ingredientes das rações para a avicultura, que era a atividade em expansão.

2.4.3 Produção animal

A Tabela 12 mostra as quantidades vendidas de bovinos, ovinos, suínos, aves e leite e a quantidade de lã produzida nos anos de 1985 e 1995/96. As quantidades físicas das vendas de bovinos, suínos, aves e leite tiveram acréscimos em todos os estratos de área, neste período. Apenas os estabelecimentos de mais de 1000 hectares reduziram a venda de bovinos e de leite. Os estabelecimentos de 200 a 500 hectares reduziram a venda de aves.

Tabela 12 - Número de bovinos, ovinos e suínos (mil cabeças), número de aves (milhões de cabeças) e quantidade de leite (milhões de litros) vendidos e quantidade de lã produzida (t) no Rio Grande do Sul, por estrato de área dos estabelecimentos (em hectares). Anos de 1985 e 1995/96.

Tamanho	Bovinos		Ovinos		Suínos		Aves		Leite		Lã	
	1985	95/96	1985	95/96	1985	95/96	1985	95/96	1985	95/96	1985	95/96
Total	2455	2502	800	493	2251	5167	112	380	819	1337	23336	12957
Até 10	82	86	7	7	438	1170	37	107	151	201	153	145
10 a 20	103	114	10	10	696	1260	31	113	223	378	318	263
20 a 50	181	206	38	25	786	1659	30	122	257	479	1176	776
50 a 100	168	185	51	30	191	489	7	27	81	149	1541	955
100 a 200	218	241	68	44	69	184	2	7	38	54	2089	1249
200 a 500	438	469	138	89	42	203	5	3	31	40	4051	2284
500 a 1000	422	444	145	85	12	56	0	1	17	19	4241	2371
Mais de 1000	843	757	343	203	17	146	0	0	21	17	9767	4914

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96.

Os números de ovinos vendidos e as quantidades de lã produzida tiveram um grande decréscimo no período de 1985 a 1995/96.

Apesar das quantidades físicas das vendas de bovinos e suínos terem aumentado, os seus valores monetários diminuíram (Tabela 13). Isto é devido à queda nos preços reais e, no caso dos suínos ocasionado, talvez, ainda, pelo tipo de animal comercializado. Assim, especula-se que os estabelecimentos possam ter comercializado muito mais leitões, de menor valor, do que suínos adultos, em 1995/96.

Os valores monetários das vendas de ovinos e da produção de lã apresentaram

reduções no período considerado.

Os valores monetários das vendas de aves foram maiores em 1995/96 do que em 1985 em praticamente todos os estratos de área, com exceção do de 200 a 500 hectares. Praticamente 90% das vendas de aves, em 1995/96, eram originárias dos estabelecimentos de até 50 hectares. Em 1985 este percentual era de 88%, de modo que no período aumentou um pouco a concentração da produção de aves nos pequenos estabelecimentos.

Tabela 13 - Variações no valor monetário das vendas de bovinos, ovinos, suínos, aves e leite e na produção de lã pelos estabelecimentos agropecuários do Rio Grande do

Tamanho	Variações nos valores						
	Total	Bovinos	Ovinos	Suínos	Aves	Leite	Lã
Total	6	-370	-29	-22	415	91	-79
Até 10	100	-10	0	7	96	7	0
10 a 20	112	-11	0	-34	127	31	-1
20 a 50	159	-20	-1	-18	156	46	-4
50 a 100	26	-17	-2	1	35	14	-5
100 a 200	-18	-22	-2	3	9	1	-7
200 a 500	-85	-62	-4	6	-9	-2	-14
500 a 1000	-83	-65	-5	3	1	-2	-15
Mais de 1000	-205	-163	-15	10	0	-4	-33

Sul, entre 1985 e 1995/96 (milhões de reais de maio de 2001).

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96

Os valores monetários das vendas de leite cresceram no período, principalmente nos estabelecimentos de 10 a 100 hectares. Os aumentos nos valores das vendas de leite não foram tão grandes quanto os acréscimos nos valores das vendas de aves

Portanto, no período, o acréscimo no valor das vendas de produtos animais ocorreu em aves e leite, como resultado da expansão nos pequenos estabelecimentos (até 100 ha).

Nos estabelecimentos maiores, acima de 100 ha, houve redução no valor total das vendas dos animais e produtos derivados, principalmente através da queda no valor das vendas de bovinos, ovinos e lã.

Embora o valor monetário das vendas de animais e produtos derivados tenha aumentado nos pequenos estabelecimentos, o valor líquido da produção agropecuária (descontando-se as despesas) diminuiu no período considerado (Tabela 9).

3 CONCLUSÕES

A situação enfrentada pela agropecuária gaúcha piorou do ano de 1985 para o de 1995/96. Observa-se queda acentuada nos preços recebidos pelos produtores por seus produtos e uma redução menor nos preços por eles pagos pelos insumos. A relação entre preços recebidos e pagos diminuiu, desfavorecendo o produtor rural.

Houve queda no volume de crédito à disposição do produtor agropecuário. A redução foi acentuada nos financiamentos para custeio, embora os financiamentos para investimento tenham aumentado.

A mão de obra ocupada no setor agropecuário foi reduzida em 21%, no período. No entanto, a produtividade da mão de obra que permaneceu no setor aumentou em todos os estratos de área. Este aumento foi devido, não ao acréscimo do valor total da produção, que decresceu, mas sim à diminuição do número de pessoas ocupadas.

A mecanização aumentou de 1985 a 1995/96, no setor como um todo e em praticamente todos os estratos de área. Verifica-se que ocorreu, no período, uma substituição do homem pela máquina na agropecuária gaúcha, na proporção de 0,25 pessoas por cada unidade de cavalo vapor de trator introduzida no setor. A taxa de substituição da mão de obra pelo trator foi maior nos estabelecimentos menores, indicando a ociosidade maior da mão de obra nestes estratos de área.

Houve queda acentuada dos investimentos realizados em 1995/96 em comparação com os valores de 1985. Este baixo nível dos investimentos talvez tenha sido um reflexo da situação desfavorável dos preços, gerando expectativas pessimistas e resultando em menores níveis de renda, portanto de poupança do setor.

O valor total da produção agropecuária gaúcha decresceu no período analisado. Diminuiu tanto o valor da produção vegetal como o da produção animal. O valor da produção vegetal foi reduzido em todos os estratos de área. O valor da produção animal cresceu nos estratos pequenos, principalmente devido ao aumento da produção de leite e aves.

Os pequenos estabelecimentos parece terem visualizado uma saída para a crise na ampliação da criação animal. Ao fazerem isto, porém, aumentaram mais as suas despesas do que o valor da produção, sendo o resultado líquido negativo. Assim, quem parece ter se beneficiado com esta decisão seria o setor intermediário que vende os insumos aos criadores e compra e beneficia o seu produto.

A renda do setor agropecuário gaúcho teve uma queda em todos os estratos de área. Considerando o valor líquido da produção agropecuária gaúcha como uma aproximação da renda do setor, pode-se inferir que esta teve uma queda de aproximadamente 16% de 1985 a 1995/96.

As reduções na renda e no número de pessoas ocupadas no setor dificultam a sua função como mercado para os produtos da indústria. A redução na renda do setor dificulta o aumento da poupança e dos investimentos, impedindo o seu dinamismo.

Quanto ao direcionamento da produção, verificou-se que os agentes econômicos não se movimentaram somente na direção de um só tipo de produto, quer seja este um produto com maior elasticidade da procura, como os de exportação, quer seja um produto com maiores níveis de processamento ou então um produto básico para a alimentação do povo brasileiro. Os aumentos se verificaram em todos estes tipos de produtos, conforme o tamanho de cada estabelecimento.

Assim, os aumentos principais de produção foram de fumo (produto de exportação), arroz (produto importante no consumo doméstico), aves e leite (produtos com maiores níveis de processamento) e milho que integra a cadeia de aves e leite.

Em resumo, o período de 1985 a 1995/96 não foi muito favorável ao setor agropecuário gaúcho, resultando em decréscimos nos preços relativos e na disponibilidade de crédito. Isto dificultou a sua inserção na economia como um setor dinâmico, gerador de oportunidades de emprego de mão de obra, de renda, de poupanças, de produção de maiores volumes de alimentos e como um mercado para os produtos industriais.

Convém enfatizar ainda que, embora o artigo não faça uma análise regional das mudanças ocorridas, as que se referem às variações na produção vegetal e animal podem ser facilmente interpretadas quanto ao seu aspecto regional. Isto é devido ao fato de que várias destas culturas e criações são exploradas com maior intensidade em determinadas regiões do que em outras.

Por fim, deve-se ressaltar que o final do período analisado, que é 1996, já está distante da época atual. De 1996 aos dias atuais muitas transformações ocorreram na agricultura como efeito de políticas macroeconômicas (Plano Real, valorização e posterior desvalorização cambial), da estabilização dos preços e agora mais recentemente grande subida dos preços pagos ao produtor de milho, trigo e soja. Mudanças também ocorreram na tecnologia utilizada na produção.

Porém, uma das metas do artigo foi a de comparar o comportamento do pequeno produtor versus o grande (em termos de área do estabelecimento) frente a uma situação de preços e de condições de financiamento da produção adversas, como foi o de 1985 a 1995/96.

Verifica-se que o pequeno produtor, em face das dificuldades de sobrevivência, busca novas alternativas de exploração da propriedade, muitas vezes sem sucesso. De 1985 a 1995/96 houve queda nos valores líquidos de sua produção. Este parece ter sido o caso do produtor que optou por suínos, aves ou gado leiteiro. Ou então o pequeno produtor migra para a cidade.

O grande produtor de arroz e milho enfrentou as dificuldades ampliando a produção. Porém o grande produtor de soja, trigo e o criador de bovinos e ovinos, tendo a sua sobrevivência garantida, parece ter ficado em uma situação de expectativa de mudança da situação econômica antes de se aventurar a novos empreendimentos.

Uma das limitações da análise decorre do fato de que o censo de 1985 abrange o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro enquanto o de 1995/96 refere-se ao período

de 1º de agosto de 1995 a 31 de julho de 1996. Neste último censo, com a coleta dos dados realizada em agosto e setembro de 1996, período de entressafra, haveria dificuldade para encontrar o proprietário do estabelecimento. O contrário ocorreria no período de safra, como foi o caso quando da coleta dos dados do censo de 1985. No entanto, Helfand e Brunstein (2001) verificaram que para a Região Sul do Brasil este efeito-data é pequeno. Isto ocorre porque nesta região, ao contrário do Sudeste, por exemplo, a maioria dos produtores reside no estabelecimento, sendo facilmente encontráveis mesmo na entressafra.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. C. C. de; NICOL, R. *Economia agrícola*. São Paulo: McGraw – Hill, 1987.

HELFAND, S. M.; BRUNSTEIN, L. F. Mudanças estruturais no setor agrícola brasileiro e as limitações do censo agropecuário 1995-1996. *Revista de Economia e Sociologia Rural*. vol. 39, n. 3. Brasília: SOBER, 2001.

IBGE Censo Agropecuário 1995-1996. n. 22, Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1998.

IBGE Censo Agropecuário 1985. n. 24, Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1991.

JOHNSTON, B. F.; MELLOR, J. W. The role of agriculture in economic development. *American economic Review*, vol. 51, p.566-93, 1961.

LUCENA, R. B. de; SOUZA, N. de J. O papel da agricultura no desenvolvimento econômico brasileiro, 1980/1998. *Análise Econômica*. Porto Alegre. p.55-72, Março 2001.

MELLOR, J. W.; JOHNSTON, B. F. The world food equation: interrelations among development, employment and food consumption. *Journal of Economic Literature*, vol. XXII, p. 531-574, Junho de 1984.

SOUZA, N. de J. *Desenvolvimento econômico*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

TIMMER, C. P. Agriculture and economic development revisited. *Agricultural Systems*. vol. 40, p.21-58, 1992.